

# CABOCLO ANGÉLICO “BAIXA” NO KARDECISMO PARA “ANUNCIAR” A UMBANDA<sup>1</sup>

José Henrique Motta de Oliveira  
Mestre em História Comparada – UFRJ  
[temporeal@uol.com.br](mailto:temporeal@uol.com.br)

*Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus. (Lucas 1:35)*

**Resumo:** Neste artigo ofereceremos um novo olhar sobre a “anunciação” da umbanda: a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas no médium Zélio de Moraes, numa sessão da Federação Espírita de Niterói, no dia 15 de Novembro de 1908. Como todo mito-fundador, a narrativa entremeia a realidade com fantasia. Mas o que interessa é o valor simbólico que o mito representa para os atuais adeptos, cuja importância se compara ao nascimento de Jesus, para os cristãos. Nesta perspectiva, proponho uma análise alternativa àquelas realizadas por Diana Brown e Emerson Giumbelli, nas quais a relevância simbólica do evento fora suplantada por questões relativas à consolidação da classe média carioca. As teorias de Pierre Bourdieu sobre o funcionamento do campo religioso me auxiliaram na tarefa de justificar o ostracismo vivido por Zélio de Moraes dentro do “movimento umbandista”: o que estava em jogo naquele momento era a busca pela legitimidade de uma religião periférica, e não quem fora o fundador da Umbanda.

## 1 Introdução

A manifestação de espíritos de negros e de índios, tão comuns na Umbanda, já ocorria espontaneamente nos rituais da macumba desde meados do século XVIII. Longe de ser um culto organizado, a macumba era um agregado de elementos da cabula bantu, do Candomblé jeje-nagô, das tradições indígenas e do Catolicismo popular, sem o suporte de uma doutrina capaz de integrar os diversos pedaços que lhe davam forma. É desse conjunto heterogêneo, acrescida de elementos egressos do Kardecismo,<sup>2</sup> que nascerá a nova religião.

Mas de onde vem a Umbanda? Acredita-se que o vocábulo “umbanda” designasse, entre os africanos, sacerdote que trabalha para a cura. Na macumba, o vocábulo “embanda” ou “umbanda” também designava o chefe do terreiro ou, simplesmente, sacerdote. Nunca uma modalidade religiosa. O umbandista Matta e Silva relata no livro *Umbanda e o Poder da mediunidade* que o vocábulo “umbanda”, como bandeira religiosa, não aparece antes de 1904. Entretanto, no depoimento deste mesmo autor, encontra-se o registro de que, em 1935, conhecera um médium com 61 anos de idade, de nome de Nicanor, que praticava a Umbanda desde os 16 anos, ou seja, desde 1890, incorporando o Caboclo Cobra Coral (Matta e Silva, 1987, p. 14). Outro autor umbandista, Diamantino Trindade, reproduziu no livro *Umbanda e Sua História* parte de uma entrevista do jornalista Leal de Souza –

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito a partir de um capítulo de nossa dissertação de mestrado “Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise comparativa das estratégias de legitimação da umbanda durante o Estado Novo”, defendida no Programa de História Comparada da UFRJ, em 2007.

<sup>2</sup> Foi este último grupo que se apropriou do ritual da macumba, impôs-lhe uma nova estrutura e, articulando um novo discurso, deu início ao processo de legitimação, que se consubstanciará com a fundação de Federação Espírita de Umbanda (1939).

publicada no Jornal de Umbanda, em Outubro de 1952 – na qual afirmava que o “precursor da Linha Branca fora o Caboclo Curuguçu,<sup>3</sup> que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas” (Trindade, 1991, p. 56). O vocábulo “umbanda” vai ganhar *status* de religião quando o Caboclo das Sete Encruzilhadas manifestado no médium Zélio de Moraes, no dia 15 de novembro de 1908, “anuncia”<sup>4</sup> o início de uma nova prática religiosa. Este evento representa, hoje, para o Movimento Umbandista<sup>5</sup> o marco fundador da religião, um divisor de águas entre a macumba – que era compreendida na época como “baixo-espiritismo” cuja prática nem sempre estava direcionada para fins elevados – e o “Espiritismo de Umbanda”, voltado para a prática do amor ao próximo.

Misto de lenda e de realidade, a “anunciação” da Umbanda sofre algumas variações de narrador para narrador, mas a estrutura básica se mantém inalterada. Zélio de Moraes, aos 17 anos, começou a apresentar alguns distúrbios os quais a família acreditou que fossem de ordem mental e encaminhou o rapaz para um hospital psiquiátrico. Dias depois, não encontrando os seus sintomas em nenhuma literatura médica, foi sugerida à família que lhe encaminhasse a um padre para um ritual de exorcismo. O padre, por sua vez, não conseguiu nenhum resultado. Tempos depois Zélio foi levado a uma benzedeira conhecida na região onde morava que lhe diagnosticou o dom da mediunidade e lhe recomendou que “trabalhasse” para a caridade.

Por sugestão de um amigo de seu pai, Zélio foi levado a Federação Espírita de Niterói, no dia 15 de novembro de 1908. Ao chegar à Federação foi convidado pelo dirigente daquela instituição a participar da sessão. Logo em seguida, contrariando as normas do culto, Zélio levantou-se dizendo que ali faltava uma flor. Foi até um jardim apanhou uma rosa branca e colocou-a no centro da mesa. A atitude do rapaz provocou uma estranha confusão no local: ele incorporou um espírito e simultaneamente diversos médiuns apresentaram incorporações de caboclos e preto-velhos. Advertido pelo dirigente do trabalho, a entidade incorporada no rapaz perguntou por que era proibida a presença daqueles espíritos. Outro médium, que tinha o dom da vidência, quis saber da entidade o porquê dela falar daquele modo, pois via que era um padre jesuíta e lhe perguntou o nome. A resposta foi:

(...) se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho, para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome que seja Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Sobre o Caboclo Curuguçu, não foram obtidas outras informações que pudessem esclarecer a ação desta manifestação espiritual.

<sup>4</sup> Tomo emprestado aqui o significado de “anunciação” a semelhança do que ocorreu com a passagem bíblica quando o Anjo Gabriel apareceu a Virgem Maria para anunciar a vinda do messias: Jesus.

<sup>5</sup> Entendemos como Movimento Umbandista a união dos adeptos da nova religião a fim de se protegerem contra a repressão policial. Esta união se consolidou na criação da Federação Espírita de Umbanda (1939), na realização do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941) e na produção e divulgação de todo um discurso legitimador das práticas umbandistas, que se traduziram na publicação de livros, jornais, revistas, programas de rádios etc.

<sup>6</sup> GUIMARÃES, Lucília e GARCIA, Éder Longas (Revisado por Mestre THASHAMARA). **Um pouco da História de Zélio de Moraes**. Disponível em <<http://www.nativa.etc.br>>. Acesso em 31 Ago. 2002.

No dia seguinte, no bairro de Neves – município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro –, estavam presentes à casa do médium membros da Federação Espírita, parentes, amigos, vizinhos e do lado de fora uma multidão de desconhecidos. Às 20 horas, o caboclo se manifestou no corpo de Zélio de Moraes e disse que naquele momento iniciava-se um novo culto, no qual os espíritos de africanos e de índios poderiam trabalhar em benefício de seus irmãos encarnados e disse, também, que a nova religião se chamaria Umbanda. O grupo fundado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu o nome de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade,<sup>7</sup> porque “assim como Maria acolhe em seus braços o Filho, a Tenda acolheria aos que a ela recorrerem nas horas de aflição” (Trindade, 1991, p. 62).

## 2 Interpretações do mito-fundador

Para um grupo significativo de umbandistas, o dia 15 de novembro de 1908 assumiu o caráter de data de fundação da religião.<sup>8</sup> Entretanto, a antropóloga Diana Brown (1985, p. 9-42) indica o aparecimento da Umbanda apenas na década de 1920 e aponta Zélio de Moraes e seus seguidores como egressos do Espiritismo.

Zélio de Moraes, que no relato da sua doença, da posterior cura, e da revelação de sua missão especial para fundar uma nova religião chamada Umbanda fornece aquilo que considero um mito de origem da Umbanda. Não posso estar totalmente certa de que Zélio foi o fundador da Umbanda, ou mesmo que a Umbanda tenha tido um único fundador, muito embora o centro de Zélio e aqueles fundados por seus companheiros tenham sido os primeiros que encontrei em todo o Brasil que se identificavam conscientemente como praticantes de Umbanda (...).

Muitos integrantes deste grupo de fundadores eram, como Zélio, kardecistas insatisfeitos, que empreenderam visitas a diversos centros de “macumba” localizados nas favelas dos arredores do Rio de Janeiro e de Niterói.<sup>9</sup>

Realmente, devo concordar com Diana Brown que não se pode ter certeza de que Zélio de Moraes tenha fundado a Umbanda. Principalmente porque alguns dados referentes a aquele evento não puderam ser confirmados, havendo inclusive várias divergências entre as informações contidas no mito da “anunciação”. A narrativa faz referência à participação de Zélio na mesa kardecista atendendo ao convite do presidente da Federação Espírita de Niterói, José de Souza. Entretanto, consultando o Livro de Atas nº. 1 desta instituição, constata-se que o cargo era ocupado por Eugênio Olímpio de Souza. E mais, não consta o nome de nenhum José de Souza entre os membros da diretoria e muito menos na relação de associados. Tampouco consta no referido livro de atas a realização de reunião naquela data. Segundo informações prestadas pela Diretora de Divulgação da Federação Espírita de

---

<sup>7</sup> Doravante apenas Piedade.

<sup>8</sup> O dia 15 de novembro foi instituído como Dia Nacional da Umbanda durante o III Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, em 1973. Nesta data, que passou a fazer parte do calendário umbandista, a maioria dos terreiros comemoram a fundação da Umbanda e rendem homenagem ao caboclo das Sete Encruzilhadas.

<sup>9</sup> BROWN, Diana. Uma história da Umbanda no Rio. In: **Umbanda e Política**. Cadernos do ISER, N. 18. Rio de Janeiro: Marco Zero-ISER, 1985, p. 10-11.

Niterói (atual Instituto Espírita Bezerra de Menezes), Yeda Hungria, na ocasião a Federação ainda não dispunha de sede própria, ocupando uma sala na Rua da Conceição – Centro de Niterói –; portanto, não haveria condições do jovem Zélio buscar rapidamente uma flor para enfeitar a mesa. Assim, somos levados a pensar que, se realmente o fato ocorreu, pode não ter acontecido na Federação, mas talvez em algum centro espírita filiado a esta, cujo nome se perdeu ao longo da repetição desta tradição oral.<sup>10</sup>

No que diz respeito à afirmação de Diana Brown de que a fundação da Umbanda tenha ocorrido “em meados da década de 1920, por iniciativa de um grupo de kardecistas”, sou levado a discordar da pesquisadora. Vejamos: em artigo publicado no livro *O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda*, editado pelo jornalista Leal de Souza em 1933, o autor afirma que o Caboclo das Sete Encruzilhadas “baixava” há 23 anos em uma casa pobre nos arredores de Niterói (Souza, 1933, p. 78). Isto é, pelo menos, desde 1910. Acredito que Brown tenha sido levada a se enganar, pois o período coincide com a transferência da Piedade para outro endereço ainda em São Gonçalo.

Outro fator que poderia ter contribuído para a confusão da pesquisadora estadunidense seria, talvez, o período em que ocorreu a criação de tendas filiadas à Piedade, cuja maioria se deu ao longo daquela década. Segundo o mito, o Caboclo das Sete Encruzilhadas havia orientado seu médium para a abertura de outras tendas com a finalidade de propagar a nova religião. Ao todo, foram criadas sete tendas por orientação da entidade. Até mesmo os responsáveis pela direção dos novos templos foram indicados pelo caboclo. Assim, temos: Tenda Nossa Senhora da Guia, com Durval de Souza; Tenda Nossa Senhora da Conceição, com Leal de Souza; Tenda Santa Bárbara, com João Aguiar; Tenda São Pedro, com José Meireles; Tenda Oxalá, com Paulo Lavois; Tenda São Jorge, com João Severino Ramos; e Tenda São Jerônimo, com José Álvares Pessoa.<sup>11</sup> Além destas, várias tendas foram fundadas sob orientação do Caboclo das Sete Encruzilhadas em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Pará (Trindade, 1991, p. 69).

Com relação à proximidade de Zélio de Moraes com o Kardecismo, além do fato do caboclo ter se manifestado em uma sessão espírita, se justifica apenas pela fé professada por seu pai, Joaquim Ferdinando Costa, que realizava encontros em sua casa para a leitura da obra de Allan Kardec.<sup>12</sup> Segundo Zilméia de Moraes Cunha – única filha viva do médium – seu pai nunca fora kardecista. Pelo contrário, a família era tradicionalmente católica. Ela sublinha, contudo, que após a manifestação do

---

<sup>10</sup> Segundo Yeda Hungria, na época, a instituição já realizava sessões espíritas em suas dependências. Entretanto, estas reuniões não geravam atas. Portanto, não há como afirmar se houve sessão naquele dia. Quanto a registros de distúrbio provocado por espíritos “indesejados”, não haveria também motivo para serem realizados, uma vez que a manifestação desses espíritos e a conseqüente doutrinação era prática usual na mesa kardecista. Assim, seria lícito supor que a possível manifestação de um caboclo na sessão espírita passaria despercebida, porque era comum a manifestação de espíritos tidos como “atrasados” nas sessões. Contudo, penso que não seria comum a manifestação de um caboclo anunciando a criação de uma nova religião, a menos que ninguém tenha levado a sério.

<sup>11</sup> Não há registros confiáveis sobre as datas de fundação de todas as tendas, sabe-se apenas que a primeira foi inaugurada em 1918 e a última em 1935, ou seja, Zélio de Moraes levou 17 anos para cumprir a determinação da entidade responsável pelos trabalhos.

<sup>12</sup> Ubiratan Machado sublinha que na virada do século XIX para o XX era comum à realização de reuniões para estudar as obras de Allan Kardec sem que isso representasse conversão ao Espiritismo, muitos reafirmavam que continuavam católicos. Cf. MACHADO, 1997, p. 224.

Caboclo das Sete Encruzilhadas, muitos kardecistas passaram a freqüentar assiduamente a Piedade, vindo alguns deles ingressarem no corpo mediúnico da casa. Diamantino Trindade reforça a hipótese de proximidade de Zélio com o Catolicismo, tanto na presença de muitas imagens de santos no altar da Piedade, quanto no habito de homenagear santos católicos ao nomear os templos filiados à Piedade (Idem, ibidem, p. 68). Cabe lembrar também que o Caboclo das Sete Encruzilhadas não era um espírito qualquer, segundo o mito, ele fora o padre jesuíta Gabriel Malagrida em reencarnações anteriores.

A presença do Catolicismo no mito da “anunciação” da Umbanda pode ser observada também num quadro onde fora pintado mediunicamente a imagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas. A pintura apresenta um indígena no primeiro plano, tendo no plano intermediário um mastro com a bandeira do Brasil tremulando e logo adiante sete caminhos unidos a um único ponto de origem e, no plano de fundo, há elementos relativos à natureza do nosso país. O quadro é simbolicamente riquíssimo, permitindo inúmeras interpretações. O que nos interessa aqui, entretanto, são os sete caminhos que o caboclo tem para percorrer no sentido de propagar a Umbanda. A união destes caminhos, a encruzilhada, lembra-nos a praça de muitas igrejas do interior, que oferece aos fiéis sete opções de trajetos para chegar até o templo. Estes caminhos fazem referência aos sete dons do Espírito Santo: Sabedoria, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Ciência, Piedade e Temor, cujos valores, são procurados no culto ao Divino Espírito Santo. A análise desta simbologia nos sugere a interpretação de que o Caboclo das Sete Encruzilhadas seria a manifestação de um “espírito santo”, talvez um anjo, que viria “anunciar” o início de uma religião que falaria aos humildes. Portanto, totalmente distante das interpretações que qualificavam as entidades da Umbanda como demoníacas.

### **3 Uma análise comparativa da relevância da “anunciação” da Umbanda**

A pergunta que se faz neste momento é qual a relevância de se identificar quem, quando ou como se iniciou o Movimento Umbandista? Acredito que a resposta esteja no valor simbólico atribuído pelos atuais adeptos à manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas na pessoa de Zélio de Moraes. Este simbolismo pode ser avaliado pelo calendário litúrgico da religião, no qual o dia 15 de Novembro aparece ao lado das tradicionais datas comemorativas dos Orixás, com direito a realização de sessão festiva cuja finalidade é render homenagens tanto ao Caboclo das Sete Encruzilhadas quanto ao médium. É possível encontrar em alguns terreiros até a fotografia do Zélio ornamentando o conga.<sup>13</sup>

Mesmo que seja somente um “mito de origem”, como propõe Diana Brown, a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas não pode ser relativizada, uma vez que para os umbandistas a data tem o mesmo valor simbólico do Natal para os cristãos, do Rosh Hashaná para os judeus e da Hégira para os muçulmanos.<sup>14</sup> Portanto, não me satisfaz a análise que Emerson Giumbelli (2003) propões

---

<sup>13</sup> O conga é o local onde se encontra o altar e onde também ficam os médiuns durante as sessões.

<sup>14</sup> O Natal marca o nascimento de Jesus para os cristãos; o Rosh Hashaná é o ano novo judaico contado a partir da fuga dos hebreus do Egito; e a Hégira, dos muçulmanos, marca a fuga de Maomé de Meca para Medina.

sobre o mito fundador da Umbanda e a importância de Zélio de Moraes para o Movimento Umbandista.

Para Giumbelli, o mito fundador centrado na figura de Zélio de Moraes e da manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas é uma construção tardia, que se inicia contemporaneamente à morte do médium (1975) e que corresponderia a um período de dispersão doutrinária e ritual e de uma divisão institucional (2003, p.189). Não vejo, a princípio, consistência nessa justificativa para se buscar nas origens da Umbanda um elemento aglutinador para o Movimento Umbandista. Se observarmos a estrutura organizacional do movimento, perceberemos que a união dos umbandistas sempre foi circunstancial; haja vista o excessivo número de Federações, Confederações, Uniões e Conselhos existentes.<sup>15</sup> As questões doutrinárias e rituais desde a realização do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941) sempre foram tensas entre o grupo que defendia o rompimento da Umbanda com as práticas mais africanizadas e aqueles que delas não abriam mão. É significativa a posição do umbandista Tancredo da Silva Pinto – o Tata Tancredo – no livro *Fundamentos de Umbanda*, sobre as propostas de desafricanização divulgadas nas palestras daquele Congresso. O autor diz que acha graça quando ouve os “líderes da Umbanda Branca” dizendo que a religião sofre influência das tradições africanas. Para ele “a Umbanda é africana, é um patrimônio da raça negra” (FREITAS e PINTO, 1957, p. 58). Tancredo, inclusive, vai romper com a Federação Espírita de Umbanda e fundar a Congregação Espírita de Umbanda do Brasil.

Giumbelli continua sua análise discorrendo uma vasta bibliografia etnográfica na qual Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas não aparecem antes da década de 1970, ambos tiveram de esperar as pesquisas de Diana Brown e Renato Ortiz para passar a existir na literatura acadêmica. Depois, se debruça sobre várias obras umbandistas e sobre o Jornal de Umbanda – veículo oficial da União Espiritualista Umbanda do Brasil, herdeira de Federação Espírita de Umbanda –, nos quais o nome de Zélio de Moraes não aparece ou, quando citado, aparece de forma discreta. O autor conclui que as referências ao médium, principalmente aquelas encontradas no Jornal de Umbanda, apenas reconhecem a antiguidade dos vínculos de Zélio de Moraes com a Umbanda, contudo jamais chegaram a ponto de alçá-lo à posição de fundador da religião.

Mas do que isso, insinua uma subordinação de Zélio ora à sua condição de médium (como tanto outros na umbanda), ora à sua condição de intermediário de uma entidade espiritual (que, diga-se, não lhe devia exclusividade). Sendo assim, compreende-se por que mesmo os textos que tratam das origens ou da história da umbanda, ou do Caboclo das Sete Encruzilhadas, no jornal da UEUB no final da década de 1950 não se sentem obrigados a mencionar o nome de Zélio.<sup>16</sup>

Diante da extensa documentação apresentada pelo autor não há o que se discutir, mas cabe a possibilidade de se propor outra interpretação para a ausência de Zélio de Moraes nas obras de seus

---

<sup>15</sup> Cf. BIRMAN (1985, p.80-121).

<sup>16</sup> GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as Origens da Umbanda no Rio de Janeiro. In: **Caminhos da Alma**. São Paulo: Selo Negro, 2003, p. 194.

contemporâneos. Antes, porém, devo lembrar que o Leal de Souza,<sup>17</sup> relatou ao Jornal de Umbanda, na edição de Outubro de 1952, que coubera ao Caboclo das Sete Encruzilhadas a incumbência de organizar a “Linha Branca de Umbanda”, seguindo as determinações dos “guias superiores” que regem o planeta.

Quando se apresentou pela primeira vez, em 15 de novembro de 1908, para iniciar sua missão, mostrou-se como um velho de longa barba branca; vestia uma túnica alvejante, que tinha em letras luminosas a palavra Caridade. Depois, por longos anos, assumiu o aspecto de um caboclo vigoroso; hoje é uma claridade azul no ambiente das Tendras.<sup>18</sup>

Na mesma entrevista, Leal de Souza vai fazer referência a Pai Antônio, um preto-velho, que se manifestou no mesmo dia em que fora fundada a Piedade. “Pai Antônio, o principal auxiliar do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e que baixa no mesmo aparelho, Zélio de Moraes, e que eu já vi discutir medicina com doutores. É o espírito mais poderoso do meu conhecimento” (SOUZA. *Apud* TRINDADE, 1991, p. 57). Portanto, existe pelo menos uma referência no Jornal de Umbanda sobre a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, no médium Zélio de Moraes, no dia 15 de Novembro de 1908, com a finalidade de organizar a “Linha Branca de Umbanda”. Mas concordo com Giumbelli, é pouco, quase nada!

Assim, recorro às teorias de Pierre Bourdieu (2004) sobre o funcionamento do campo religioso para me auxiliar na tarefa de propor uma interpretação alternativa do ostracismo vivido por Zélio de Moraes. Bourdieu nos ensina que “toda seita que alcança êxito tende a tornar-se Igreja, depositária e guardiã de uma ortodoxia, identificada com as suas hierarquias e seus dogmas” (Idem. *Ibidem*, p. 58). Parto do princípio de que as publicações umbandistas estudadas por Giumbelli foram produzidas num período em que a Umbanda já desfrutava de alguma legitimidade institucional. A partir do modelo “bourdiano”, comparo a Federação Espírita de Umbanda com a hierarquia eclesiástica<sup>19</sup> e Zélio de Moraes com a figura do profeta, isto é, aquele que pelo exercício legítimo do poder religioso – que no nosso caso é a manifestação de uma entidade espiritual que se apresenta como fundadora da Umbanda – teria condições de competir no campo religioso com o monopólio doutrinário difundido pela Umbanda institucionalizada, pondo em risco a legitimidade da nova religião.

Bourdieu argumenta que para a conservação do monopólio de um poder simbólico e da existência da instituição eclesiástica, caberia à Igreja buscar recursos para suprimir a ação do profeta, seja pela sua eliminação ou pela sua subordinação e reconhecimento da legitimidade do monopólio eclesiástico. Ora, foi isto que ocorreu com Zélio de Moraes. Ele se subordinou às orientações da hierarquia eclesiástica, isto é, da cúpula da Federação Espírita de Umbanda, até mesmo porque teria

---

<sup>17</sup> Na época, Leal de Souza dirigia a Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, uma das filiais que formam o septo de casas fundadas pelo caboclo das Sete Encruzilhadas.

<sup>18</sup> SOUZA, Leal. Jornal de Umbanda, Outubro de 1952. *Apud* TRINDADE, 1991, p. 56.

<sup>19</sup> Minha comparação se sustenta no fato de encontrarmos no primeiro artigo do estatuto daquela instituição, o objetivo de unificar e superintender os templos de umbanda, bem como orientar o ritual e a liturgia, unificando em todos os seus aspectos essenciais (Cf. UNIÃO, 1944, p. 84).

ajudado a fundar a instituição, seguindo as orientações do guia espiritual.<sup>20</sup> Situação inversa sofreu Tancredo da Silva Pinto, que não rompeu apenas com a Federação Espírita de Umbanda, mas com a própria Umbanda ao criar o culto de Omolocô.<sup>21</sup>

Zélio de Moraes, segundo depoimentos de pessoas que tiveram oportunidade de conviver com ele, tinha personalidade tímida e modesta. “Era uma pessoa que não gostava dos holofotes da ostentação pública”, comenta o jornalista Ronaldo Linares, autor de uma curta biografia do médium, publicada no livro *Os Decanos*.<sup>22</sup> Não era da personalidade de Zélio arvorar-se em líder da Umbanda, ou “não era este o desejo do plano espiritual”, ponderou Lygia Cunha, neta do médium em conversa informal com o autor desta dissertação.

Acredito, portanto, que não era interesse da cúpula umbandista fazer grandes reverências ao médium Zélio de Moraes, pois, como deixa claro Bourdieu, representaria um risco à legitimidade da própria instituição, uma vez que a legitimidade religiosa poderia se deslocar da Igreja instituída para o profeta. Em contrapartida à subordinação de Zélio ao poder da hierarquia eclesiástica, lhe foram concedidos em vida pequenos reconhecimentos pelos serviços prestados a Umbanda, com nomeá-lo para o posto de “inspetor” da federação, conceder a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade o “diploma de filiada número um”, ou conferindo-lhe o título de “decano dos Babalaôs da União” (GIUMBELLI, 2003, p. 193-194). A partir do momento que a direção da Piedade é transferida para as filhas do médium (Zélia e Zilméia de Moraes) e ele parte para um “exílio” voluntário na Região Serrana do Rio de Janeiro, vindo a falecer alguns anos depois, abre-se espaço para a cúpula umbandista reconhecer a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas como fundadora da religião e Zélio de Moraes como seu pioneiro. Essa atitude vem reforçar o caráter legitimador da hierarquia umbandista, uma vez que ela instituiu o dia 15 de Novembro como o “Dia Nacional da Umbanda”, em assembléia a realização durante o 3º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, em 1973, no Maracanãzinho. Este fato ocorreu dois anos antes da morte do médium.

#### 4 Considerações finais

Não queremos aqui defender a tese de que as práticas umbandistas não existiam antes da “anunciação da Umbanda” pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Pelo contrário, reconhecemos que a manifestação de espíritos de indígenas e pretos já ocorria a algum tempo nos rituais da macumba e nas

---

<sup>20</sup> Encontra-se nos Anais do 1º Congresso do Espiritismo de Umbanda, uma menção a intervenção do caboclo das Sete Encruzilhadas na fundação da Federação Espírita de Umbanda. Antes de iniciar a palestra, o representante da Tenda Espírita São Jorge, Antônio Barbosa, rende homenagem ao caboclo dizendo: “(...) rendo homenagens ao Guia Espiritual, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, o idealizador da Federação Espírita de Umbanda”. Cf. *Anais*, 1942, p. 165.

<sup>21</sup> Omolocô, culto afro-brasileiro que admite no mesmo ambiente tanto as práticas do Candomblé quanto a da Umbanda. Cf. OMULU, Caio de. *Umbanda Omolocô – Liturgia e Convergência*. São Paulo: Ícone, 2002.

<sup>22</sup> LINARES, Ronaldo. Como Conheci Zélio de Moraes. In; SARRACENI (Org.). *Os Decanos*. São Paulo: Madras, 2003. p. 17-27.

sessões do Espiritismo popular. O que procurei enfatizar neste artigo foi que a manifestação daquele caboclo marcou o rompimento entre aquilo que era compreendido como “baixo-espiritismo” com o que se convencionou chamar de “Espiritismo de Umbanda” na obra dos intelectuais da nova religião. Para mim, a divisão é clara: o que havia antes era uma seita, fruto de um ritual heterogêneo, praticada por segmentos subalternos da sociedade; o que passou a existir depois foi uma religião que se apropriou da filosofia Kardecista e de dogmas cristãos, sendo professada por elementos da classe média em ascensão. Nesta perspectiva, a figura do médium Zélio de Moraes, e do guia espiritual que lhe assistiu durante a vida, adquire papel de relevância na trajetória do Movimento Umbandista. Foi a partir da ação deste, dentre outros pioneiros, que se intensificou a busca pela legitimação da nova religião, minimizando-se assim a ação da Delegacia de Tóxicos e Mistificações sobre os terreiros e a intolerância dos segmentos conservadores da sociedade.

Ao longo do processo de consolidação da religião umbandista, foi atribuído a Federação Espírita de Umbanda a dupla função: (1) de representante dos interesses dos adeptos junto aos órgãos públicos; (2) e de órgão normatizador das práticas umbandistas. Por esse motivo, acredito que os interesses coletivos sobrepujaram aos interesses particulares, não cabendo, portanto, uma figura messiânica para a Umbanda. Acredito, igualmente, que Zélio de Moraes estava ciente de seu lugar na religião, mas em nenhum momento arvorou-se em “Papa” da Umbanda nem almejou altos postos na administração daquela instituição representativa. Não quero dizer que ele fosse uma pessoa abnegada e altruísta ao ponto de não ser atraída pelo brilho da notoriedade, mas a humildade foi sua maior virtude. Talvez tenha se espelhado no exemplo do Caboclo das Sete Encruzilhadas que se apresentava dizendo: “sou apenas um caboclo brasileiro”.

## 5 Bibliografia

BIRMAN, Patrícia. Registrado em cartório, com firma reconhecida: a mediação política das Federações de Umbanda. **Umbanda e Política**. Rio de Janeiro: ISER, n. 18, 1985. p 80-121.

BROWN, Diana. Uma história da Umbanda no Rio. **Umbanda e Política**. Rio de Janeiro: ISER, n. 18, 1985. p 9-42.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA, 1º. 1941, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Federação Espírita de Umbanda, 1942.

FREITAS, Byron Torres de; e PINTO, Tancredo da Silva. **Fundamentos de Umbanda**. Rio de Janeiro: Souza, 1957.

GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as Origens da Umbanda no Rio de Janeiro. In: **Caminhos da Alma**. São Paulo: Selo Negro, 2003.

GUIMARÃES, Lucília e GARCIA, Éder Longas (Revisado por Mestre THASHAMARA). **Um pouco da História de Zélio de Moraes**. Disponível em <[http:// www.nativa.etc.br](http://www.nativa.etc.br)>. Acesso em 31 Ago. 2002.

MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo**. Niterói: Lachâtre, 1997.

MATTA E SILVA, W. W. **Umbanda e o Poder da Mediunidade**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1987.

OMULU, Caio de. **Umbanda Omolocô – Liturgia e Convergência**. SP, Ícone Ed. 2002.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SARRACENI, Rubens (Org.). **Os Decanos: os fundadores, Mestres e Pioneiros da Umbanda**. São Paulo: Madras, 2003.

SOUZA, Leal. **O Espiritismo, Magia e as Sete Linhas de Umbanda**. Rio de Janeiro: [s.n], 1933.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Umbanda e sua história**. São Paulo: Ícone, 1991.